

Ajudando com dignidade

Desenvolvimento comunitário é uma forma de ajuda que reconhece o potencial de um grupo de pessoas e busca soluções com elas, e não para elas. Na prática, o desenvolvimento depende muito mais da comunidade e suas instituições (igrejas, escolas, associação de moradores, governo, etc.) do que de algum programa, investimento ou iniciativa de uma organização de fora.

O conteúdo, a matéria-prima do desenvolvimento, está dentro da comunidade.

O produto final não se mede apenas em termos econômicos ou materiais. Há uma mudança nas relações interpessoais na comunidade e na forma desta se ver diante do restante da sociedade. É um avanço de cabeça erguida, não de mão estendida. No final, as pessoas se sentem donas de si mesmas, conhecedoras de seus problemas e motivadas a buscar soluções próprias.

Dois exemplos. Dois lugares bem distantes um do outro. Duas duras realidades. A primeira: cidade do Rio de Janeiro. Complexo do Lins. Muita água e pouca estrutura. A segunda: Mãe D'Água (sertão da Paraíba). Comunidade Escondido. Muito sol e pouca água.

Fruto bom de Árvore Seca

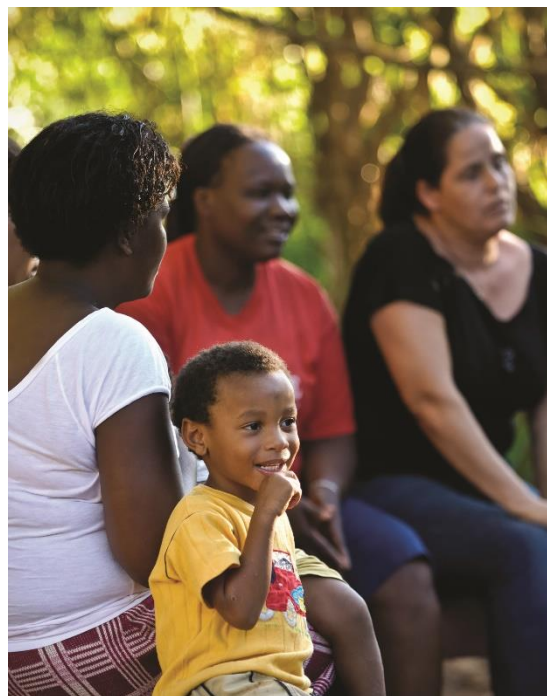
Morro Árvore Seca. Complexo do Lins, 1986. Um grupo de cristãos católicos se reunia para estudar a Bíblia, quando percebeu a necessidade de fazer algo mais pela comunidade. Com outras pessoas, procuraram saber qual era a principal necessidade do morro, que pudesse ser realizada pelos próprios moradores.

Todos concordavam que pais e mães precisavam trabalhar. Mas muitas mães não podiam, porque não tinham com quem deixar seus filhos. Outras trabalhavam, e para isso deixavam as crianças sozinhas em casa, às vezes trancadas o dia todo. Eles concluíram que a maior necessidade da comunidade era um lugar seguro para as crianças ficarem enquanto as mães trabalhavam.

A partir de então, algumas mães e avós passaram a, voluntariamente, receber e cuidar de crianças entre 2 e 4 anos em uma casinha no alto do Morro, enquanto as outras mulheres trabalhavam ou procuravam emprego. Chamaram o lugar de Creche Chameguinho. Dois anos depois, em 1988, uma chuva muito forte acabou com a estrutura da casinha. A creche inundada foi interditada pela Defesa Civil.

Para resolver o problema, a comunidade se reuniu novamente e decidiu buscar ajuda de outros grupos da sociedade. O pessoal do círculo bíblico pediu apoio na Paróquia de São Tiago Apóstolo, que para ajudar fundou a Ação Comunitária Sal da Terra. Com registro e CNPJ, eles puderam então pedir auxílio financeiro para a prefeitura e instituições privadas.

Uma das voluntárias da creche pediu ajuda à Escola Municipal Lins de Vasconcelos, que alojou a creche por três anos. Outra voluntária fez contato com uma empresa local que bancou a construção de uma nova creche. Em 1993, a Creche Chameguinho foi reinaugurada.



O fruto brotou de Árvore Seca, mas atualmente atende meninos e meninas de todo o Complexo do Lins. São 55 crianças de 2 a 4 anos, que permanecem lá de 7 às 17 horas.

“A gente ainda se reúne, discute as necessidades, se precisa de mais vagas, se precisa de mais anos de atendimento”, informa Ana Maria Sousa da Silva, diretora da creche.

Hoje, seus funcionários são registrados, ela recebe subvenção da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e é parceira da ONG Visão Mundial, através do trabalho do Programa de Desenvolvimento de Área Amigos Para Sempre, e está integrada na rede de defesa da criança por meio do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescentes (CMDCA).

Vidas secas e Água da Vida

Comunidade Escondido. Município de Mãe D'Água, no sertão da Paraíba (o estado mais pobre do Brasil, segundo dados do IBGE). Apesar do nome, água lá é coisa rara.

Todos os dias, mulheres e crianças de Escondido tinham de andar mais de sete quilômetros debaixo do sol para pegar água no poço mais próximo. Devido à monocultura do fumo em grande escala, os poços secavam frequentemente o que levava a população a esperar até que o poço enchesse novamente para então encher suas latas e voltar à suas casas.

Há alguns anos, essa situação mudou. Os moradores conheceram o trabalho da Ação Evangélica (ACEV) e pediram sua ajuda. A ACEV conversou com a comunidade, forneceu o apoio técnico e financeiro para que fosse cavado um poço. A comunidade doou um terreno e ajudou na construção. A sondagem foi feita por empresas contratadas e o teste de qualidade da água, por técnicos da Universidade Federal de Campina Grande.

O doador do terreno foi Severino Sezário, mais conhecido como Seu Pio. Ele está muito satisfeito com o resultado: “Nunca vimos algo assim. A ACEV não cobrou nada. A minha mulher e os meus todos estão mais felizes”. O poço serve a 48 famílias de Escondido e é equipado com bomba elétrica, um tanque de 5 mil litros e bebedouro para os animais.

Em qualquer lugar, coisas boas acontecem quando uma comunidade olha para si mesma, percebe sua necessidade e tenta fazer algo. Raramente é necessário começar do zero, mas em todos os casos é necessário unir forças. E esse tipo de trabalho, o de unir forças, potencializa o que há de melhor nas pessoas: a sua dignidade.

Por Tábata Mori

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 20.